

## DESCRIÇÃO ETNOGRÁFICA: MERCADO DO VER-O-PESO

Ramiro Esdras Carneiro Batista<sup>1</sup>

Fruto da instalação portuguesa seiscentista da “Casa de Haver o Peso”, o atual Mercado do Ver-o-Peso talvez seja o ícone arquitetônico mais conhecido do conjunto visual – em alguma medida estereotipado – que se tem da Amazônia setentrional, a partir do centro-sul do país. Este texto trata de minha experiência de um dia em um dos maiores mercados a céu aberto da América Latina, que para muitos é a síntese mais absoluta da produção cultural e alimentícia da calha baixa do Amazonas.

Partindo do cruzamento da Praça da República com a Avenida Nazaré, caminho pela zona de transição entre a cidade moderna e a velha, que teima em reexistir. Da cidade-velha experimento a arquitetura grandiosa, resquício último do projeto colonial de transplantar a velha Europa para as selvas. Das pessoas, vislumbro aqui e ali algum fenótipo aportuguesado, corporificado em homens brancos, de estatura mediana. Dez minutos de caminhada debaixo de um sol causticante são suficientes para chegar à praça do relógio, que separa a área do Ver-o-Peso das igrejas coloniais. Estas últimas, limítrofes ao portentoso Forte do Castelo do Senhor Santo Cristo do Presépio de Belém, que para os íntimos é só o Forte do Presépio. Tudo muito lusitano até aqui.

Continuo caminhando distraído e ensolarado pela antiga península dos Tupinambá, tomada a ferro e fogo pelos ibéricos ainda nos primeiros anos do século XVII. À medida em que me aproximo do “mercado de ferro”, o burburinho da multidão se faz presente, além de uma acústica agradável que repete ao longe o também agradável refrão: “*Depois-que-a-chuva-passá-*

---

<sup>1</sup>Graduado em Pedagogia (CEIVA) e especialista em Inspeção Escolar (CEIVA). Atualmente é mestrando em Antropologia com ênfase em Antropologia Social UFPA/2017. Suas áreas de interesse são: Etnologia, Educação e Escolarização, Literaturas e Narrativas Decoloniais, Antropologia da Guerra Ameríndia e Gestão Socioambiental em Comunidades Rurais.



*vou-cantá-carimbó-prá-você*”. Construções em estilo *belle époque* não são raras na América portuguesa, mas nunca havia visto um mercado inteiro entalhado em ferro e parafusos *art nouveau*. Verdadeiramente impressionante.

No mercado, além da sensação térmica de 50 graus positivos, experimento coisas da alma paraense, este que parece ser o amálgama temperado do testemunho indígena com o transplantado africano, berrando humores e risos nas bancas e nichos do mercado. O som dos ambulantes agora é ensurdecido e as caixas de som entoam coros a Dona Onete: **“Tô com saudade da minha-branca, do Vêr-ú-peso, da sacanagem... lá eu sou pópi-star no meio da malandragem: fico bem na foto, nas entrevixta, e nas reportage... No-meio-do-pitxiú! No-meio-do-pitxiú!”**

A sessão de artesanato parece infinita e denuncia, além da prevalência da cultura indígena, a reapropriação do patrimônio arqueológico pretérito pelos atuais artesãos das ribeiras. Além da sensação térmica agonizante, descubro rapidamente o que atrai tantos Urubus e Garças: trata-se do que os nativos chamam de *Pitxiú*. O odor dispensa maiores apresentações. Trata-se de denso miasma de peixe combinado com esgoto que viaja nos ares e agride as narinas sem prévio aviso. Depois de alguns desconfortáveis minutos o *Pitxiú* vai ficando familiar e deixa de incomodar. Em uma das barracas, como um tipo de pastel (?) de carne seca com tapioca e jambú. É preciso anotar para não esquecer que a alquimia da cozinha paraense derretendo esôfago adentro, se chama jambú.

Depois de visitar todos os setores da feira até o limite com a Estação das Docas, procuro uma mesa para me livrar do sol extenuante e, ato contínuo, almoço. A senhora que me convida a sentar e prepara o peixe fresco chama-se Dona Regente<sup>2</sup>. Enquanto me serve o almoço, ela compadece-se de meu “abandono”, penalizada por me ver sozinho em Belém do Pará, sem amigos e sem namorada. Bem-humorada, promete arranjar-me uma “namorada desdentada”. Fiquei sem saber se devia, ou não, agradecer o obséquio. Enquanto espero o almoço, observo o vai-e-vem ininterrupto de embarcações de todos os portes na baía do Guajará. Devidamente ambientado, começo a degustar o Pirarucu-fresco. Mas o prazer salivoso da comida se esvai, quando meu foco se assenta em uma alma sombria que, de olhos fechados, abocanha grandes nacos da comida podre retirada de um grande tambor de lixo. Não era um *kawen*, não era um cão, não era um porco... o bicho que operava aqueles maxilares, meu-deus, era um homem! (Bandeira)

Tento pensar em outra coisa, mudo o foco de visão e agora vejo lindas crianças de boca-roxa mergulhando divertidos no vinho do açaí. Outro foco e vejo a vendedora de doces insistindo cansada. Já disse o poeta que a classe média não repara na dor da vendedora de bombom-de-cupuaçu. A classe-média é a guerra. Outro foco e agora vejo uma mulher esbaforida que berra e corre atrás da bolsa suprimida. Foco novamente e vislumbro um grupo de locais acotovelando-se para aparecer em um programa de TV. Depois interrompe-me um vendedor ambulante que tenta me convencer a comprar bugiarias chinesas. Em um rápido diálogo, ele me diz que é maranhense e que na próxima eleição vai votar no Mario Covas. Absteve-me de dizer que ele está meio desatualizado. Salvo melhor juízo, o Covas morreu há muito. Volto novamente

---

<sup>22</sup> Pseudônimo.



à direção primeva e meu olhos reificam o homem no lixo. Para meu alívio, ele termina o banquete e vai caminhando, letárgico.

Depois do almoço, me vejo cansado e requeimado de sol. Mesmo assim, resolvo demorar-me mais amiúde na sessão de perfumes. Constatado que as vendedoras cultivam de uma sinceridade desconcertante, de modo que é preciso elaborar com cuidado as perguntas. Comprei patchouli, piri-piri e a essência de pau-rosa, que os franceses pretensiosamente transformaram em Chanel (e por falar em biopirataria)... Os vendedores de tônico me amolam bastante, tentando vender-me variedades do que eles chamam de Viagra-amazônida. Sinal dos tempos. Meu caderninho de campo chega ao fim e precisei apelar para guardanapos de papel. Enquanto faço minhas últimas anotações, reverbera o refrão que ouvi durante toda a tarde, anunciando que no Ver-ú-Peso o “Urubú-malandro namora a linda Garça, no-meio-do-*Pitxiú*.”

- Ave Dona Onete!

